

# Quando esquecer pode ser um projeto: o caso do Disco Voador do Morenã

*Leonardo Cristian Martins<sup>1</sup>  
Guilherme R. Passamani<sup>2</sup>*

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

**Resumo:** Em 1982, um evento marcante ocorreu durante uma partida de futebol entre Operário (MS) e Vasco da Gama (RJ): um objeto voador não identificado (Óvni) sobrevoou o estádio Morenã em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, e foi visto por milhares de espectadores. Este estudo investiga como o “Caso Morenã” influenciou a ufologia, a representação cultural e a identidade local em Campo Grande. A pesquisa explora a ascensão da narrativa do óvni no estádio Morenã. Examina também a relação entre o avistamento e a memória coletiva da cidade. Para isso, foram realizadas conversas informais, entrevistas gravadas e pesquisas em arquivos com pessoas envolvidas no evento.

**Palavras-chave:** óvni; disco voador; Morenã; Campo Grande; ufologia.

<sup>1</sup> Licenciado em História (UFMS). Mestre em Antropologia Social (PPGAS/UFMS). Pesquisador associado ao Núcleo de Estudos Néstor Perlongher.

<sup>2</sup> Doutor em Ciências Sociais (UNICAMP), Doutor em Antropologia (ISCTE). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (2025-2028). Professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, atuando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Professor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Grande Dourados. Coordenador do Núcleo de Estudos Néstor Perlongher e do Laboratório de Estudos Urbanos da UFMS.

## When forgetting can be a project: the case of the Morenã flying saucer

**Abstract:** In 1982, a significant event occurred during a soccer match between Operário (MS) and Vasco da Gama (RJ): an unidentified flying object (UFO) flew over the Morenã Stadium in Campo Grande, Mato Grosso do Sul, and was witnessed by thousands of spectators. This study investigates how the “Morenã Case” influenced ufology, cultural representation, and local identity in Campo Grande. The research explores the rise of the UFO narrative at Morenã Stadium. It also examines the relationship between the sighting and the collective memory of the city. To this end, informal conversations, recorded interviews, and archival research were conducted with individuals involved in the event.

**Keywords:** UFO; flying saucer; Morenã; Campo Grande; ufology.

## Quando olvidar puede ser un proyecto: el caso del platillo volador del Morenã

**Resumen:** En 1982, ocurrió un evento significativo durante un partido de fútbol entre Operário-MS y Vasco da Gama-RJ: un objeto volador no identificado (OVNI) sobrevoló el Estadio Morenã en Campo Grande, Mato Grosso do Sul, y fue presenciado por miles de espectadores. Este estudio investiga cómo el “Caso Morenã” influyó en la ufología, la representación cultural y la identidad local en Campo Grande. La investigación explora el surgimiento de la narrativa del OVNI en el Estadio Morenã. También examina la relación entre el avistamiento y la memoria colectiva de la ciudad. Para ello, se realizaron conversaciones informales, entrevistas grabadas y una investigación en archivos con personas involucradas en el evento.

**Palabras clave:** OVNI; platillo volador; Morenã; Campo Grande; ufología.

**N**a noite de 6 de março de 1982, durante uma partida de futebol entre Operário (MS) e Vasco da Gama (RJ), no estádio Pedro Pedrossian (Morenã), ocorreu um evento ufológico que deu notoriedade à cidade de Campo Grande e ao estádio. Esse episódio, conhecido como “caso do óvni do Estádio Morenã”, é considerado o maior avistamento coletivo de óvni<sup>3</sup> no Brasil e quiçá o maior do mundo. Estima-se que cerca de 24 mil a 25 mil pessoas estavam presentes no estádio e relatos de avistamentos de luzes e objetos não identificados também foram feitos por habitantes em outras regiões de Mato Grosso do Sul.

Esse evento influenciou a criação da revista *UFO* em 1985, a mais antiga e renomada publicação ufológica do mundo. Ademar Gervaerd, fundador da *UFO* e do Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores, se mudou para Campo Grande para investigar o caso, contribuindo para o fortalecimento do polo ufológico na região<sup>4</sup>. O ufólogo, falecido em 2022, ajudou a estabelecer Mato Grosso do Sul como um centro significativo na ufologia nacional.

O evento também é associado a outros casos ufológicos na região, como o ET Bilu, apresentado em uma reportagem de 2010, na qual se destacam Urandir Fernandes de Oliveira e seu Projeto Portal.<sup>5</sup> Outro ufólogo local, Lúcio Barbosa, alegou ter tido encontros com extraterrestres, incluindo uma experiência com Ashtar Sheran no Morro Canastrão na década de 1990<sup>6</sup>.

A pesquisa maior, da qual esse texto é parte, investigou o impacto do avistamento do óvni no estádio Morenã na sociedade sul-mato-grossense; e analisou como o evento afetou a cultura local e contribuiu para a formação de uma identidade cultural distinta para Campo Grande. O fenômeno ufológico se entrelaça com a memória coletiva e a cultura da cidade, refletindo sobre a maneira como o mito dos discos voadores é interpretado e ressignificado no contexto brasileiro.

Claude Lévi-Strauss (2008) define o mito como um todo composto por unidades constitutivas, sendo que a mais complexa delas é o mitema. Podemos compreender que o mitema é, portanto, uma partícula essencial do mito e que a sua ausência o desconfiguraria, transformando-o em algo distinto. Esses elementos podem ser concretos (um local ou período, por exemplo) ou abstratos (a sedução, a ganância, ou outra característica). Quando aplicamos essa perspectiva à análise das narrativas rotuladas como “Disco Voador”, muitas características são compartilhadas, mas entre elas, destaca-se uma: a origem extraterrestre. Nesse contexto, a presença desse elemento não apenas confere uma característica distintiva às narrativas, mas também funciona como o mitema central que unifica as dife-

<sup>3</sup> Originalmente uma sigla para Objeto Voador Não Identificado, essa palavra se tornou um substantivo masculino em 2009 de acordo com o registro oficial da língua portuguesa no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP). Utilizaremos o termo óvni como sinônimo de “Disco Voador”, uma vez que, no campo da Ufologia ambos costumam se referir à mesma coisa: uma aeronave de origem extraterrestre

<sup>4</sup> GERVAERD, Ademar José (ed.). *UFO* [s. d.]. Disponível em: <https://ufo.com.br/gevaerd/>.

<sup>5</sup> STYCKER, Mauricio. Bilu, o ET de Corguinho, questiona a Record. In: *UOL*, 18 out. 2010. Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br/blog/mauriciostycker/2010/10/18/bilu-o-et-de-corguinho-questiona-a-record/>.

<sup>6</sup> LÚCIO Barbosa e seus contatos com ETs. In: GERVAERD, Ademar José (ed.). *UFO*, 1 jun. 1998. Disponível em: <https://ufo.com.br/lucio-barbosa-e-seus-contatos-com-ets/>.

rentes manifestações do mito do “Disco Voador”. Assim, a compreensão do mito extraterrestre torna-se crucial para analisar a complexidade e a coesão por trás dessas narrativas mitológicas contemporâneas.

Mesmo tendo esse ponto em comum, a maneira como vemos o “Disco Voador” é modificada de acordo com a sociedade na qual estamos incluídos. A partir do momento que o óvni surge nos céus de Campo Grande, uma série de significados se entrelaça com o “Disco Voador”, alterando seu voo. Esta teia aprende e apreende, uma vez que ela se constitui de uma série de conceitos que dizem respeito à memória coletiva e à vida social dos envolvidos. É o entrelaçamento desses sistemas simbólicos que Clifford Geertz (2008) dá o nome de cultura, ou seja, uma teia de significados em que cada indivíduo realiza uma interação recíproca<sup>7</sup>.

A análise do avistamento do disco voador no Estádio Morenã e sua relação com a construção da identidade campo-grandense pode ser compreendida à luz do conceito de “evento” de Marshall Sahlins (2003). Em sua obra “Cultura e Razão Prática”, Sahlins destaca a importância dos eventos como momentos que possuem significados específicos para uma comunidade, moldando suas percepções e compreensões coletivas. Sendo assim, o avistamento do disco voador no Morenã pode ser considerado um evento significativo, que desencadeou uma série de reações e interpretações na comunidade campo-grandense. Esse evento não apenas impactou a esfera individual daqueles que testemunharam ou ouviram falar, mas também influenciou a narrativa coletiva sobre a cidade. A forma como a população local respondeu e interpretou esse avistamento contribuiu para a construção de uma identidade singular para Campo Grande.

A pesquisa que deu origem a este artigo foi realizada a partir da interação com pessoas de diferentes grupos sociais, idades e ocupações. Para manter a privacidade e o sigilo da identidade dos interlocutores foram utilizados pseudônimos e algumas informações acerca dos indivíduos foram alteradas ou ocultadas.

Para a realização da pesquisa foi conduzido, em julho de 2022, um trabalho de campo exploratório em Alto Paraíso de Goiás, um polo de ufo turismo, onde mantivemos contato com dois ufólogos. O primeiro, Marcos, é dono de uma pousada localizada à beira da estrada, onde os viajantes podem descansar corpo e espírito. Seus estudos o enquadram na chamada “Ufologia Mística”, mais ligada ao movimento neoesotérico. O segundo, Felipe, é professor de física e proprietário de uma loja especializada em artigos com temática alienígena no centro de Alto Paraíso. Devido a sua formação e metodologia, ele se aproxima mais da “Ufologia Científica”, vertente que busca relacionar a ufologia às ciências exatas. Essa subdivisão da Ufologia já havia sido discutida por Carlos (2007), e utiliza diferentes metodologias e explicações para o “fenômeno UFO”. Por meio dessas contribuições foi possível compreender o local simbólico que o “Disco Voador do Morenã” ocupa na ufologia em âmbito nacional.

Após esse momento exploratório, foram contatadas pessoas presentes durante o avistamento do óvni no estádio Morenã. Durante a pesquisa os principais contatos realizados foram com sete colaboradores. Armando, funcionário do estádio Morenã; Eduardo, que trabalha em uma empresa de seguros; Ítalo, professor de história do ensino médio; Lázaro, professor de direito em uma universidade; Alan, escritor de ficção e cronista; João, aposentado, nascido em Campo Grande e Gerson, autônomo prestador de serviços.

Além das entrevistas foram consultados arquivos de jornais locais e outros

<sup>7</sup> O conceito de cultura como teia de significados é discutido por Clifford Geertz (2008) em “Interpretação das Culturas”.

meios audiovisuais disponíveis. Dentre esses se destacam matérias do jornal Correio do Estado de 1982 e 2022, documentos do arquivo da UFMS sobre o dia do jogo e um documentário denominado “O que Era Aquilo”, de João Conrado Kneipp e Pedro Heiderich (2013). Esse documentário foi realizado por dois estudantes de jornalismo da própria UFMS e inicialmente buscou se aprofundar no avistamento, mas, por conta dos caminhos da pesquisa, acabou se tornando uma obra audiovisual sobre o auge do futebol sul mato-grossense. Ainda assim, o documentário possui entrevistas com ex-jogadores e radialistas que estavam no dia do Disco Voador e descrições de como foi o evento.

Após o impacto inicial do avistamento do Disco Voador, algo notável aconteceu: o fenômeno começou a desaparecer. Nas décadas seguintes, o óvni gradualmente sumiu das mídias, das conversas cotidianas e da vida dos campo-grandenses. Este desaparecimento levanta questões intrigantes sobre a memória e o esquecimento. Por que certas narrativas se desvanecem ao longo do tempo? O que contribui para o enfraquecimento de um evento marcante como esse? Assim, tentaremos, ao longo deste artigo, compreender os fatores que levaram ao esquecimento do Disco Voador, considerando a possibilidade de um projeto local consciente para seu “sumiço”.

## **A cidade de Campo Grande: o cenário do avistamento**

Durante o trabalho de campo, em conversas com os interlocutores e nas pesquisas em acervos digitais, o objetivo era entender por que esse evento não se tornou basilar para a cidade de Campo Grande, como ocorreu em outros casos do Brasil, como Alto Paraíso de Goiás (GO) e Varginha (MG). Nossa curiosidade ficou ainda maior, quando percebemos que Corguinho, no interior do Mato Grosso do Sul, é a principal cidade no quesito “Ufologia do MS”, em detrimento da capital. Mesmo nas conversas sobre o avistamento no Moreirão, a importância dele para a identidade da cidade não é consenso, como é possível observar nesse trecho da fala de um interlocutor: *eu acredito que esse acontecimento em si não porque isso é muito coisa que passa e não... não fica registrado na memória de muitas pessoas, entendeu? Como se fosse um fenômeno que passou* (Gerson, entrevista 14/02/2023).

Vale ressaltar que, durante essa conversa, esse interlocutor assim como outras pessoas que estavam presentes no dia do jogo, detalhou o avistamento de maneira extensa, mencionando as cores das luzes, a ausência de sons e relatando que essa mesma ocorrência foi percebida em outras cidades do estado. Podemos afirmar, então, que o “registro na memória” das pessoas permanece e que a questão central para compreender esse tema é o esforço para apagar o caso do Disco Voador e quais seriam os possíveis motivos para tal apagamento.

Segundo Maurice Halbwachs (1990), a memória coletiva seria fundamental para compreender como os indivíduos constroem e compartilham memórias dentro de um grupo social ou comunidade específica. A memória coletiva é, portanto, mais que a soma das memórias individuais, visto que a construção de uma memória individual passa por conceitos de valoração de determinados acontecimentos que são de ordem coletiva. Essa memória reflete as experiências compartilhadas, valores e tradições de um determinado grupo e está sujeita a mudanças no decorrer do tempo, sendo constantemente reconstruída e reinterpretada pelos membros do grupo social à qual ela faz parte.

O desenvolvimento da memória coletiva ocorre de tal maneira que é possível

nos lembrarmos de eventos e situações em que nem estivemos presentes. De igual forma, associamos eventos distintos uns aos outros, de modo que a narrativa faça algum sentido em nossa lembrança. Tudo isso é construído socialmente, dentro dos conceitos valorativos de determinado grupo ou sociedade. Sendo assim, cabe aqui questionar, portanto, quais conceitos valorativos estavam presentes na sociedade campo-grandense da década de 1980, de modo a compreender qual lugar do avistamento do Morenã nessa sociedade.

No início do século XX, Campo Grande era uma pequena cidade no coração do Brasil, com ruas de paralelepípedos e casas térreas ao redor da praça central. Sua economia, centrada na pecuária e na agricultura, estava crescendo, impulsionada pelo ciclo do gado e a expansão das lavouras de café e algodão. A conexão com Bauru pela ferrovia Noroeste do Brasil e o comércio com São Paulo foram fundamentais para esse crescimento, facilitando o escoamento da produção local e atraindo migrantes<sup>8</sup>.

O projeto urbano de Campo Grande desempenhou um papel crucial no crescimento e na transformação da cidade, especialmente em meio às mudanças significativas que ocorreram após a criação do estado do Mato Grosso do Sul e a subsequente elevação de Campo Grande à condição de capital. Ao longo das décadas, a cidade testemunhou um notável desenvolvimento, marcado por um projeto urbano cuidadoso que visava absorver o crescimento populacional de forma planejada. Esse projeto abrangente dotou a cidade de infraestrutura moderna e espaços urbanos funcionais, mas também contribuiu para a formação de uma identidade regional mista e profundamente marcada pelos processos migratórios. Assim, o legado do projeto urbano de Campo Grande marca-se em sua paisagem, em constante transformação, e na qualidade de vida de seus habitantes.

Com a criação do Estado de Mato Grosso do Sul em 1977, e a sua transformação em capital, fato que trouxe como consequência um novo fluxo migratório, Campo Grande conheceu forte impulso de desenvolvimento e modernização, materializado em grandes obras produtoras de uma nova configuração de seu espaço urbano. Além disso, a atenção e o interesse que o estado recém-criado despertou, em todas as regiões do país, fez com que, “em sete anos de existência como capital, Campo Grande visse sua população praticamente triplicar”, conforme artigo publicado na Revista MS Cultura, em 1986. (CALADO, 2013: 43)

Esse aumento populacional na capital de um estado recém-criado no Brasil provocou um sentimento de perda de identidade e uma busca por afirmação. Nas décadas seguintes à criação do estado, uma série de eventos “típicos da gênese sul-mato-grossense” surgiram, como as dinâmicas de fronteira e a novela *Pantanal*. No entanto, Campo Grande não está incluída nesses processos, uma vez que não está diretamente ligada ao Pantanal ou aos países vizinhos, embora receba influência deles. Essas questões reforçam ainda mais o sentimento de proximidade com o Sudeste, local de cidades planejadas e desenvolvimento urbano. A busca por identidade, em meio ao rápido crescimento, também refletiu nas relações com cidades vizinhas como Cuiabá e Corumbá, que possuíam características distintas e influenciavam a percepção regional de Campo Grande. Segundo um dos interlocutores da pesquisa:

<sup>8</sup> Campo Grande passou a ter alguma característica urbana somente no início do século XX, quando o território mato-grossense já estava efetivamente inserido ao mercado capitalista internacional e o emergente centro monopolista paulista buscava hegemonizar o mercado nacional, impondo uma nova função para Mato Grosso na divisão regional do trabalho. Portanto, foi sob o domínio da lógica de produção e consumo de mercadorias que Campo Grande começou a assimilar papéis urbanos e a tomar forma de cidade (OLIVEIRA NETO, 2003: 143).

*Eu vou em Cuiabá sou muito bem recebido eu acho cuiabano muito mais legal que campo-grandense. Acho o cuiabano um cara mais caloroso, que te recebe. É um pessoal mais acolhedor. Eu gosto de Cuiabá, de MT, não tenho nada contra. Eu só queria que minha terra tivesse uma identidade. Até o sotaque cuiabano fala diferente da gente. Nós não, a nossa relação é muito maior com o São Paulo, a gente fala porta (puxando o r)... a gente tem aquele sotaque. A gente fala assim puxando o r, a gente tem uma coisa de piracicabano... porque há uma relação muito forte com São Paulo, com o Rio Grande do Sul. Diferente de lá. (Alan, entrevista realizada em 07/03/2023)*

Considerando esses dois eixos temáticos de “fazer-cidade” (AGIER, 2015), São Paulo e Cuiabá, podemos traçar um paralelo com relação aos ideais valorativos que a capital Campo Grande buscava se pautar. No contexto urbano, a cidade almejava adotar características associadas ao desenvolvimento, à modernidade e à eficiência, buscando se equiparar às grandes metrópoles como São Paulo. Esse desejo por progresso e dinamismo refletia-se em iniciativas ambiciosas de planejamento urbano, com a criação de avenidas largas, praças arborizadas e edifícios modernos, projetados para atender às necessidades de uma população em constante crescimento. Além disso, a busca por uma infraestrutura urbana de qualidade e por serviços públicos eficientes tornou-se uma prioridade, impulsionando investimentos em áreas como transporte, saúde e educação. Nesse sentido, a visão de Campo Grande como uma cidade cosmopolita e desenvolvida era alimentada não apenas por aspirações internas, mas também pelo desejo de se destacar como um centro urbano vibrante e atrativo em nível nacional e internacional.

Ao mesmo tempo, o fazer-cidade dos campo-grandenses se refletia em iniciativas de planejamento urbano, investimentos em infraestrutura e promoção de um ambiente propício aos negócios e à vida urbana. Em contrapartida, o eixo rural, embora historicamente relevante para a região, gradualmente se tornou menos proeminente na identidade da cidade, à medida que esta se desenvolveu e se afastou de suas raízes agrícolas e pecuárias.

A expansão urbana e os projetos de modernização muitas vezes resultaram na remoção de comunidades tradicionais e na perda de espaços culturais emblemáticos. Essas mudanças não apenas moldaram a paisagem física da cidade, mas também tiveram um impacto profundo na identidade e na memória coletiva dos seus habitantes. Durante a década de 1980, várias transformações ocorreram na cidade e a cultura popular campo-grandense foi por elas influenciada, o que nos traz de volta ao jogo de março de 1982 e o seu “apagamento” nas décadas subsequentes.

## O apagamento do Disco Voador

Ao analisar o apagamento da memória coletiva em relação ao “Caso Morenã”, é fundamental considerar as dinâmicas sociais e políticas subjacentes que podem estar influenciando esse esquecimento. Essas dinâmicas se constituem no nível micro e macro que incluem fatores como: a criação do estado, a ditadura civil-militar brasileira, o declínio do futebol sul-mato-grossense, o crescimento populacional e urbano de Campo Grande e a ridicularização da Ufologia perante as mídias a partir da década de 1990.

A importância de um evento remete a questões valorativas. Um acontecimento como o avistamento de um Disco Voador é algo que pode ser relevante para a comunidade ufológica, mas não ser sequer reconhecido por pessoas que não fazem parte desse grupo. No caso do “Disco Voador do Morenã”, o que se destaca é o fato de que milhares de pessoas viram e reconheceram tal situação como um avistamento de Disco Voador propriamente dito.

Tudo nesse caso é superlativo, o número de testemunhas. Só no estádio foram 23.500 pessoas, na cidade outras 30 mil viram, e quantas outras testemunhas em quantas localidades. Podemos estar falando de um número que passa de cem mil pessoas, certamente. Porque nas cidades as pessoas estavam nas ruas. Não vamos nos esquecer que era um sábado à noite, de calor intenso, era marco. O que as pessoas fazem no sábado à noite? Saem de suas casas e põem as cadeiras na frente de casa, estavam nas ruas em todas as cidades e tiveram sorte de ver esse fenômeno. Todos os números são muito grandes, superlativos e grandiosos. (KNEIPP e HEIDERICH, 2013: s/p)

O grande número de pessoas que testemunhou um evento desses pode criar um sentimento de comunidade. No entanto, em Campo Grande, não há referências ao Disco Voador, indicando uma influência de ridicularização. Esse processo de ridicularização pode desencorajar a identificação com eventos ou temas considerados estranhos, resultando em um apagamento cultural ou repressão.

Onde quer se discuta a “questão extraterrestre”, especialmente fora da “comunidade ufológica”, os óvnis e os discos voadores são tratados como uma questão de “crença”. Em quatro anos de pesquisas relativas a este tema e quase cinco de contato diário com a questão diversas vezes fui questionado: “Mas, você acredita em extraterrestres?” (ALMEIDA, 2015: 445)

A transformação do estudo da ufologia em questão de crença, mesmo nos ambientes acadêmicos, demonstra que esse tema não merece atenção. Como apontado por Almeida, a única motivação que as pessoas poderiam conceber para o seu interesse na pesquisa seria uma vontade de provar que sua “crença” era verdadeira. No contexto do avistamento do Moreirão, o silêncio sobre o incidente indica o desejo de evitar o estigma social associado à ufologia e ao sobrenatural. Essa dinâmica é semelhante ao caso das brigas de galos em Bali, descrito por Clifford Geertz (2008), onde tradições enraizadas foram ridicularizadas e proibidas à medida que a estrutura social era modificada. Assim, é possível que o esquecimento de eventos ridicularizados sirva para manter a coesão social e evitar ameaças ao *status quo*.

A falta de menção ao avistamento do Disco Voador pode ser interpretada como uma estratégia consciente para evitar o estigma de ser associado a algo considerado irracional ou fantasioso, especialmente em um momento de construção de uma identidade urbana “sólida” e “respeitável”. Essa propensão à ridicularização possivelmente contribuiu para a supressão da narrativa sobre o avistamento, levando a um “esquecimento” coletivo do evento ao longo do tempo. Segundo um interlocutor da pesquisa,

*Acaba aqui virando chacota sabe? Ai depois se eu não me engano aquele livro eram os deuses astronautas que acabou virando motivo de chacota... então não faz sentido científico e eu sou muito apegado à ciência. Eu não gosto de dizer que eu vi um Disco, eu vi algo, eu vi o que eu vi, sabe? É possível que exista uma explicação científica, que naquele momento não tinha como ter. Enfim também não sou conspiracionista, criar uma teoria, eu só falo o que eu vi. Então assim talvez perdurasse mais um tempo e ficasse mais na memória e a nova geração conhecesse mais, por exemplo, se fosse um evento religioso, sabe? Como se fosse... ao invés de um Disco Voador, fosse: “Nossa Senhora Aparecida passou aqui no estádio”. (LÁZARO, entrevista realizada 10/10/2022)*

O medo de “virar chacota” nacional, em meio a um período marcado pela abertura política, criação do estado, auge do futebol estadual e transformação da cidade em capital, oferece uma explicação plausível para compreender o esquecimento do avistamento do Disco Voador. Em pesquisas por artigos ou reportagens na mídia, só foi possível encontrar menções ao evento após os anos 2000, cerca de duas décadas após o ocorrido. Como apontado pelo interlocutor, talvez se o

evento fantástico fosse mais “palpável”, como um fenômeno religioso, teria sido melhor assimilado pelos habitantes de Campo Grande no processo de construção da identidade urbana.<sup>9</sup> Pensando no panorama de Campo Grande, especialmente durante esse momento crucial de definição identitária, o fenômeno do Disco Voador poderia gerar uma atenção que não era a desejada. Sendo assim, o evento passou a habitar uma zona de silenciamento<sup>10</sup>.

A diferença entre silenciamento e esquecimento reside na ação e inação: o silenciamento requer esforço ativo para impedir a expressão, enquanto o esquecimento ocorre naturalmente, muitas vezes devido à passagem do tempo ou falta de relevância percebida. O silenciamento envolve poder e controle sobre o discurso, moldado por normas sociais e complexidades linguísticas, e afeta a identidade ao limitar o que podemos expressar sobre nós mesmos e o mundo. Eni Orlandi (2008: 2) indica que o silenciamento é mais complexo que a simples ausência de voz; manifesta-se em censura autoimposta ou externa, moldando narrativas e afetando a memória coletiva.

A ridicularização da ufologia, especialmente na televisão a partir da década de 80 foi recorrente. Os programas, muitas vezes, adotavam uma abordagem cômica e sensacionalista em relação ao assunto. No Brasil, o Caso Varginha, ocorrido em 1996, foi alvo de especulações e piadas em programas de TV<sup>11</sup>, enquanto no cenário internacional, programas como “Alienígenas do Passado” do canal *History Channel* foram frequentemente tratados com um misto de incredulidade e zombaria<sup>12</sup>.

Programas de entretenimento, como *talk shows* e comédias, frequentemente ridicularizam a ufologia, o que contribui para a estigmatização e marginalização do campo. Os ufólogos são usualmente retratados de forma negativa, o que leva ao isolamento social dos interessados no tema. Essa abordagem sensacionalista e zombeteira na mídia desencoraja novos interessados além de fazer com que os atuais se sintam constrangidos a compartilhar suas pesquisas. A crítica disfarçada de humor, comum na mídia, desempenha um papel crucial nesse processo de marginalização, moldando negativamente as percepções públicas e reforçando a exclusão da ufologia.

E a graça, aqui, comparece como um elemento facilitador dessa crítica (...) o observador singular que ocupa o lugar do eu-humorístico dos discursos permite que as verdades transitórias nelas circulantes ridicularizem os objetos criticados e se efetivem em sua potência, reduzindo as grandezas (e, nesse sentido, as agências) desses objetos e tornando a crítica não apenas mais capaz de circular, mas potente de uma forma sutil e ao mesmo tempo intensa: não é que a piada seja mais eficiente para tornar uma crítica potente ou não, mas a crítica feita com uma forma engraçada, pejada com elementos que permitam o reconhecimento da graça, insere a lógica inspirada na equação, substituindo a avaliação racionalista da crítica “séria” por um salto de comprovação do conteúdo que estabiliza a situação graças a outra comprovação, em termos de graça. (WERNECK, 2020: 13)

<sup>9</sup> Segundo dados do IBGE 2010, cerca de 92% da população brasileira está vinculado à alguma religião. No censo de 2022, foi destacado que o Brasil possui 579.798 templos religiosos, um número maior que o de escolas e instituições de saúde somados. Esses dados nos ajudam a perceber que, a nível nacional, os fenômenos ligados ao universo religioso, especialmente cristão, tem tendência a serem mais aceitos no Brasil. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?edicao=9749&t=destaques>. Acesso em: 04 jun. 2024.

<sup>10</sup> Por conseguinte, existem nas lembranças de uns e de outras zonas de sombra, silêncios, “não-ditos”. As fronteiras desses silêncios e “não-ditos” com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento (POLLAK, 1989: 9).

<sup>11</sup> Um dos exemplos da espetacularização de Varginha ocorreu no humorístico *Casseta e Planeta*, que em 1996 realizou uma esquete chamada “ET de Varginha, o mineiro vindo do espaço”, onde um dos integrantes do grupo entrevistava pessoas da cidade, enquanto outro intervia vestido de extraterrestre. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_Nfr7h2O2Fg](https://www.youtube.com/watch?v=_Nfr7h2O2Fg).

<sup>12</sup> A série *Alienígenas do Passado* está atualmente na sua vigésima temporada, tendo sido veiculada no canal *History Channel* desde 2009.

O estigma associado à ufologia perpetua um ciclo de ostracismo, tornando ainda mais desafiador para os interessados no assunto encontrar aceitação e apoio dentro da sociedade. A aversão ao sobrenatural e ao irracional, embora compreensível em um contexto de modernização e afirmação urbana de Campo Grande, levanta questões interessantes sobre a maneira como as cidades constroem suas identidades e decidem quais aspectos de sua história incorporar. Essa seleção de narrativas reflete os valores predominantes em determinado momento histórico e também os esforços para moldar uma imagem coerente e aceitável perante os olhos do país e do mundo, de acordo com seus preceitos e visões.

A perpetuação do estigma em torno da ufologia também revela uma dinâmica mais ampla de poder e controle sobre o conhecimento e a percepção pública. Instituições e autoridades, muitas vezes, desempenham um papel fundamental na promoção ou supressão de determinadas narrativas, influenciando diretamente a maneira como certos assuntos são vistos pela sociedade. Sendo assim, para que a lembrança continue viva, é comum ocorrer uma vinculação de determinadas memórias à locais e instituições de grande importância para a comunidade, como é o caso do estádio Pedro Pedrossian, que é um marco arquitetônico da cidade de Campo Grande desde antes da sua transformação em capital. Um interlocutor da pesquisa faz as seguintes menções:

*Um privilégio estar presente em dois momentos que foi bastante assim, a gente não tem explicação, que foi esse no Moreirão que eu estava na arquibancada, na descoberta né que apareceu as luzes que todo mundo ficou entre “será que é?” “Pensou que era avião mas não tinha som aí veio muito rápido aquela luz e se transformou em três e depois desapareceu. Outra vez no Glauce Rocha, meu pai trabalhava também no Glauce Rocha, eu estava lá não tinha nem iniciado a sessão e aí começou a aparecer umas luzes... muito grande e colorido, elas não se movimentavam como essas, elas ficavam fixas mudando de cor, sabe? E essa essas luzes foram vistas por várias pessoas de outras cidades também. A gente tinha os parentes em Dourados que visualizaram também lá coincidentemente no mesmo dia e no mesmo horário. Foi, digamos, dois anos depois se eu não estiver enganado. Um ano e meio ou dois depois desse fenômeno do Moreirão. (GERSON, entrevista 14/02/2023)*

Apesar de negar a importância dos eventos que presenciou para a formação identitária campo-grandense, o interlocutor vincula sua experiência a dois grandes monumentos arquitetônicos da cidade de Campo Grande: o Estádio Moreirão e o Teatro Glauce Rocha. Essa conexão entre o avistamento e esses ícones urbanos ressalta a complexidade das interações entre eventos extraordinários e elementos cotidianos na construção da identidade de uma comunidade. Mesmo que subalternizado, há uma permanência do avistamento na memória coletiva, uma vez que ele se vincula a símbolos culturais, como o futebol e o teatro, que se tornam veículos para a transmissão e incorporação de narrativas compartilhadas. Essa interseção evidencia a predisposição das comunidades a atribuir significados simbólicos a eventos, integrando-os ao tecido social e cultural.

Com exceção de uma matéria no Correio do Estado, não há publicações oficiais sobre o caso do Disco Voador. A ausência de cobertura pela grande mídia e o silêncio das autoridades podem indicar um controle de informação e interesses por trás do silêncio institucional. Esse fenômeno destaca a marginalização da ufologia e levanta questões sobre o papel da mídia e do governo na percepção pública de eventos extraordinários. O esquecimento aparente de um evento significativo sugere estratégias de controle social, onde a ocultação de memórias pode servir para moldar a narrativa histórica e reforçar o poder dos grupos dominantes, conforme sugerido por Pollak (1989).

O desaparecimento de um grupo é apenas um dos motivos que contribuem

para o apagamento de uma memória coletiva, ou, no mínimo, para a sua diminuição de alcance. No caso específico de Campo Grande, podemos perceber que o rápido crescimento urbano da cidade tem levado a uma diminuição significativa do número de campo-grandenses que testemunharam os eventos ufológicos em questão. Além disso, a subsequente ridicularização desses eventos, especialmente durante a década de 1990, tem desempenhado um papel fundamental na supressão de sua disseminação para um público mais amplo.

Essa ridicularização contribuiu para a associação do assunto com o entretenimento superficial, relegando-o a discussões informais em ambientes como botecos e churrascos de família. Sendo assim, a marginalização do fenômeno ufológico ilustra os desafios enfrentados na preservação e divulgação de narrativas que desafiam o convencional, especialmente em um contexto cultural e social permeado pela descrença e pelo ceticismo. Um interlocutor conta:

*Já se passaram mais de 39 anos e até hoje não tem uma explicação plausível. Era uma época que não tinha o que temos hoje. E tudo aquilo foi em frações de segundos, praticamente. Basicamente alguns, até hoje, não acreditam, não acreditam. Até alguns que estavam presentes... aquela coisa toda. Então foi assim, um momento que foi enigmático... enigmático. Que ficou no pensamento de muitos que estavam lá, porque foi assim... mas como? Se não tem nenhuma amostra, se não tem nenhuma revelação de tudo isso, entendeu? (ÍTALO, entrevista realizada em 12/09/2022)*

A desconfiança sobre o avistamento do Moreirão, ocorrido há mais de 39 anos, persiste, possivelmente devido à ausência de registros documentados do período. O evento, que durou apenas alguns segundos, deixou muitos céticos, incluindo algumas testemunhas. A limitação tecnológica da época contribuiu para a ausência de registros e evidências concretas, alimentando dúvidas, especialmente entre aqueles que não estavam presentes. A busca por explicações “plausíveis” revela uma tendência em evitar o misticismo, com alternativas como histeria coletiva ou testes militares sendo propostas para explicar o avistamento. Essas teorias visam reconfigurar o entendimento social para uma visão mais convencional, levando até mesmo os presentes a duvidar de sua própria percepção. O caráter enigmático do avistamento, sem amostras ou revelações tangíveis, mantém o evento como uma memória nebulosa repleta de especulações. Como indicado, durante as décadas de 90 e 2000, o caso não era mencionado, mas a popularização da internet e das redes sociais começou a mudar essa dinâmica.

## O reaparecimento do Disco Voador

A partir da década de 2010, o avistamento do Moreirão voltou a ganhar atenção, sendo noticiado por programas esportivos, portais de notícias locais como o *Campo Grande News*, e revisitado pela revista *UFO*, especialmente com o marco dos 30 anos do evento em 2012. O crescimento das redes sociais permitiu uma discussão ampla sobre o caso, com usuários compartilhando experiências e teóricos apresentando novas explicações, apesar da falta de “provas concretas” e relatos divergentes que mantêm o “mistério” em aberto.

Esse ressurgimento nas mídias digitais destaca a capacidade da cultura popular de se adaptar com as transformações sociais e tecnológicas. A folkcomunicação, que abrange a comunicação informal da cultura popular, encontrou um novo espaço nas redes sociais, permitindo a preservação e disseminação de histórias e tradições culturais. As plataformas *online* oferecem um ambiente descentralizado para compartilhar e valorizar aspectos da cultura popular, contribuindo para a diversidade cultural e fortalecimento das identidades locais e regionais.

Vale lembrar ainda que, mesmo com a possibilidade de disseminação *online*, as narrativas disputam espaço nos meios digitais, dependendo de engajamento para conseguir mais acessos e atingir um número maior de pessoas<sup>13</sup>. Dentro dessa perspectiva, é interessante ressaltar que, mesmo ressurgindo nas redes sociais, o óvni do Morenã ainda permanece vinculado ao esporte, sendo noticiado nas seções específicas desse tema. O *Globo Esporte*, por exemplo, realizou matérias especiais, com entrevistas de “testemunhas” do caso em 2014 e em 2022, ano em que o evento completou 40 anos. Outra mídia esportiva a noticiar o “Caso Morenã” foi a *Lance* (2022), também em celebração dos 40 anos do avistamento.

Com o declínio do futebol sul-mato-grossense, o “Caso Morenã” se torna um dos eventos mais icônicos do estádio Morenã, sendo frequentemente lembrado quando se fala desse estádio no cenário nacional. As reportagens que associam o estádio com o Disco Voador não tratam apenas do caso em si, mas também de um período antigo, em que o futebol sul-mato-grossense era competitivo no cenário nacional. Em face da situação atual do esporte, as notícias sobre o Disco Voador acabam por chamar mais a atenção nacional do que as reportagens sobre o campeonato estadual sul-mato-grossense<sup>14</sup>.

Localmente, dois dos portais de notícias mais influentes do estado também realizaram reportagens sobre o avistamento do Morenã. O *Correio do Estado*, mesmo jornal que teve o “furo” de notícia em 1982, voltou a falar do caso em 2015, 2018 e 2023, sendo que em uma das publicações, a de 2018, o jornal apenas menciona o interesse dos leitores em que se escreva sobre o “Caso Morenã” mas relata um evento ufológico ainda mais antigo, o avistamento de uma bola de fogo em 1973.

Não se passa uma semana sequer desde que este escriba assumiu espaço que um de vocês, leitores, não nos pedem aquele que talvez seja um dos fatos mais folclóricos da história: o OVNI do Estádio Morenã.

Pois bem, vocês venceram. Mas em partes...

Nesta semana resolvemos atender os pedidos e vamos falar de ufologia. Ou simplesmente extraterrestres para os mais íntimos.

Mas não, nada de nomes famosos (...). Tentamos buscar em nosso extraordinário acervo os primórdios dessa história de ET em Mato Grosso do Sul. E acho que encontramos.

No dia 21 de novembro de 1973 o *Correio do Estado* estampava em uma pequena chamada na sua capa algo no mínimo inusitado: “Bola de fogo nos céus de Ponta Porã”. (RIBEIRO, 2018: s/p)

Essa reportagem, apesar da quebra de expectativa gerada pelo autor, traz duas informações muito importantes para compreender o papel que o “Caso Morenã” ocupa na atualidade. A primeira é que ele faz parte do folclore do Mato Grosso do Sul e há interesse em ler informações sobre ele, especialmente do jornal que estava presente no evento e o noticiou em primeira mão. A segunda é que o evento não é o único ocorrido em Mato Grosso do Sul, o que indica que há uma relação do estado com a ufologia, mesmo que esta tenha sido ignorada por décadas.

O outro portal de notícias relevante no cenário estadual, que costuma falar

<sup>13</sup> Sobre a questão de engajamento e a presença de algoritmos que geram a disseminação de informações, conferir Santos (2022), disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/actaeduc/v44/2178-5201-aseduc-44-e52736.pdf>.

<sup>14</sup> “Certamente, os acontecimentos excepcionais também têm lugar neste quadro espacial, mas porque na ocasião certa o grupo tomou consciência com mais intensidade daquilo que ele era desde há muito tempo e até este momento, e porque os vínculos que o ligavam ao lugar se tornaram mais claros, no momento em que iam se romper. Porém, um acontecimento realmente grave sempre causa uma mudança nas relações do grupo com o lugar, seja porque modifique o grupo em sua extensão (...) A partir desse momento, não será mais exatamente o mesmo grupo, nem a mesma memória coletiva; mas, ao mesmo tempo, o ambiente material não mais será o mesmo” (HALBWACHS, 1990: 133-34).

do “Caso Morenã”, é o *Campo Grande News*. O site conta com uma série de notícias acerca do evento, especialmente no ano de 2022. Matérias intituladas “Você acredita que OVNI apareceu no Morenã em 1982?”<sup>15</sup> e “O que vi na noite de 6 de março de 1982 no Estádio Morenã<sup>16</sup>” são alguns dos exemplos do site. Recentemente, vídeos de avistamentos de óvnis em Campo Grande tem viralizado nas redes sociais, o que demonstra que a narrativa do Disco Voador continua alimentando discussões e impulsionando a curiosidade das pessoas. Um dos exemplos desse ressurgimento do interesse ocorreu em 2025, quando uma série de imagens de um objeto cilíndrico foram filmadas por moradores da cidade e veiculadas, chegando a portais como o *UOL*<sup>17</sup> e o *Olhar Digital*<sup>18</sup>.

Em 2013 o “Caso Morenã” chegou à discussão acadêmica. O documentário “O que era aquilo” marca um importante ponto de inflexão na abordagem do “Caso Morenã” ao trazer o evento para a esfera acadêmica e, ao mesmo tempo, expandir seu escopo de investigação. Ao buscar entrevistar os presentes no “jogo do Disco Voador,” os idealizadores do documentário, João Conrado Kneipp e Pedro Nogueira Heiderich, tinham como objetivo inicial compreender as ramificações desse evento específico e suas consequências para a comunidade local. No entanto, ao longo do processo de produção, os autores se deram conta de que as questões levantadas se distanciavam do avistamento ufológico e englobavam aspectos relacionados ao auge e declínio do futebol sul-mato-grossense. Para a realização de uma análise científica do avistamento, seria necessária uma suspensão da descrença, de modo a poder compreender a própria perspectiva ufológica do *Disco Voador do Morenã* e suas repercussões dentro da comunidade.

Assim, proponho que por ora mudemos nosso foco do exótico para o Formal, do risível para o Respeitável, que substituamos a crença pela Razão, a ficção científica, a magia e o misticismo pela Racionalidade das Ciências Formais. Enfim, que complementemos o estudo até aqui desenvolvido, nos debruçando justamente sobre o polo inverso daquele que viemos abordando até agora, a saber: o da perspectiva daquelas instituições que se apresentam como “centrais” em nossa sociedade, aquelas responsáveis por dar, oficialmente, significado e sentido ao mundo, ou seja, aquelas reconhecidas como situadas no polo do Lógico-Científico-Racional. (CARLOS, 2007: 120)

Durante o documentário *O que era aquilo*, de Kneipp e Heiderich (2013), é possível perceber que como a decisão de se debruçar em uma análise do futebol regional revela a complexidade e interconexão das narrativas que permeiam a identidade de Campo Grande e de Mato Grosso do Sul. O futebol é visto por Kneipp e Heiderich como um elemento central na construção da identidade cultural e social da região, refletindo aspirações, desafios e triunfos da comunidade ao longo do tempo. Durante o documentário, os realizadores conseguiram entrevistar figuras proeminentes do jogo de 1982, como os jogadores Amarildo e Cocada, o fotógrafo Roberto Higa e o locutor esportivo Ramão Cabreira. Os realizadores conseguiram registrar relatos e opiniões pessoais que discutem os rumos que o esporte sul-mato-grossense tomou desde 1982 e contextualizam o “Caso Morenã” dentro de um quadro mais amplo de eventos e acontecimentos que moldaram a história e a cultura de Campo Grande.

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/comportamento-23-08-2011-08/voce-acredita-que-ovni-apareceu-no-morenao-em-1982>.

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/turismo/o-que-vi-na-noite-de-6-de-marco-de-1982-no-estadio-morenao>.

<sup>17</sup> LEITE, R. Ovni no MS? O que é o objeto que aparece em vídeos e assusta moradores. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2025/01/12/ovnis-ms-saiba-o-que-e.htm>.

<sup>18</sup> SÉRVIO, G. O que são os “OVNIs” que assustam moradores no MS? Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2025/01/09/ciencia-e-espaco/o-que-sao-os-ovnis-que-assustam-moradores-no-ms/>.

## Considerações finais

O tardio ressurgimento do “Caso Morenã” pode estar relacionado às próprias questões discutidas neste artigo, em que se destacam a complexidade das narrativas culturais e a interconexão entre eventos aparentemente isolados e o contexto mais amplo da identidade campo-grandense. Em um primeiro momento, durante o desenvolvimento urbano e o crescimento da cidade de Campo Grande, ocorreu um silenciamento coletivo de narrativas tradicionais e coletivas, como o avistamento do Disco Voador. Esse processo se baseia em uma série de características valorativas do “fazer-cidade” campo-grandense, como a ligação com São Paulo e a transformação em uma capital cosmopolita. Nessa concepção de cidade, idealizada pelos campo-grandenses, há uma busca de se distanciar do estigma de “caipira” e relatos comumente rotulados como ridículos, como um avistamento coletivo de Disco Voador, não poderiam vir a público.

O tardio reaparecimento do evento para a discussão midiática reflete a relutância em confrontar eventos extraordinários nos meios de comunicação, mas também a necessidade de compreender o significado do avistamento do Disco Voador dentro de um quadro mais amplo de identidade cultural e história local. O “Caso Morenã” pode ser interpretado, portanto, como uma tentativa de mergulhar mais profundamente nas camadas de significado que cercam o evento, buscando compreendê-lo em um contexto mais amplo e multifacetado.

O mito do Disco Voador do Morenã vai além de uma curiosidade cultural. É uma janela para entendermos as aspirações, medos e especulações da sociedade campo-grandense acerca do desconhecido e do além. Ele nos convida a questionar nossas próprias crenças e limites do conhecimento, ao mesmo tempo em que nos lembra de momentos, espaços e comunidades que fizeram parte do processo de “fazer-cidade” da capital. Assim, mesmo que sua “veracidade” permaneça incerta, seu impacto na cultura e na imaginação de Campo Grande é inegável e continua a moldar nossa compreensão do quão complexa é a “Cidade Morena”.

*Recebido em 12 de setembro de 2024.  
Aprovado em 13 de outubro de 2025.*

## Referências

- AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro. *Mana*, 21: 483-98, 2015.
- ALMEIDA, Rafael Antunes. “Objetos intangíveis”: *Ufologia, ciência e segredo*. Tese (Doutorado em Antropologia), Universidade de Brasília, 2015.
- CALADO, Lenita Maria Rodrigues. *Era uma feira aonde a gente ia de chinelo: Campo Grande e sua Feira Livre Central*. Dourados: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2013.
- CARLOS, Daniel Pícaro. *Extraterrestres: Ciência e Pensamento Mítico no mundo moderno*. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas), Universidade Federal de São Carlos, 2007.
- IBGE. *Censo Demográfico 2010*. Brasília: IBGE, 2010.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GERVAERD, Ademar José (ed.). *UFO*. Site da Internet. <https://ufo.com.br/>
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória coletiva*. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.
- KNEIPP, João Conrado; HEIDERICH, Pedro Nogueira. O que era aquilo? *YouTube*, 2013.
- LANCE. Olhe para cima! Após 40 anos, OVNI visto em Operário/MS x Vasco ainda causa impacto em testemunhas. *Lance!* 3 de março de 2022.
- LEITE, R. Ovní no MS? O que é o objeto que aparece em vídeos e assusta moradores. *Portal UOL*, 12 de janeiro de 2025.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. “A estrutura dos mitos”. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. São Paulo: Cosac Naify, 2008. pp. 221-48.
- LÚCIO Barbosa e seus contatos com ETs. *UFO* (Site da internet), 1 jun. 1998.
- OLIVEIRA NETO, Antonio Firmino de. *Campo Grande e a rua 14 de Julho: tempo, espaço e sociedade*. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Estadual Paulista, 2003.
- ORLANDI, Eni P. Silêncios: presença e ausência. *ComCiência*, 101 (1), 2008.
- PAULO. O que vi na noite de 6 de março de 1982 no Estádio Morenã. *Campo Grande News* (portal), 21 ago. 2025.
- POLLAK, Michel. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, 3 (3): 3-15, 1989.
- RIBEIRO, Rafael. A bola de fogo que assustou e aterrizou os céus de Mato Grosso. *Correio do Estado*, 22 nov. 2018.
- SAHLINS, Marshall. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- SANTOS, R. O. dos. Algoritmos, engajamento, redes sociais e educação. *Acta Scientiarum. Education*, 44: e52736, 2022.
- SÉRVIO, G. O que são os “OVNIs” que assustam moradores no MS? *Olhar digital* (portal), 9 de janeiro de 2025.

STYCER, Mauricio. Bilu, o ET de Corguinho, questiona a Record. *Portal UOL*, 18 out. 2010.

TORRES, T. Você acredita que OVNI apareceu no Morenã em 1982? *Campo Grande News* (portal), 23 de agosto de 2011.

TRADUÇÕES TOSCAS. Relíquia da Internet 🙄 E.T. de Varginha - Casseta & Planeta. *YouTube*, 15 maio 2024.

WERNECK, Alexandre. Graça em tempos de desgraça? A jocosidade como operador da crítica nos memes na pandemia. *DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*. Seção Reflexões na Pandemia, 8 de abril de 2020.

VOLUME 14  
NÚMERO 34  
(JAN. / ABR. 2027)

# ACENO

REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE  
ISSN: 2358-5587

**CHAMADA DE ARTIGOS**  
DOSSIÊ TEMÁTICO:

CIDADES EM DISPUTA:  
GÊNERO, RAÇA, SEXUALIDADE  
E OUTRAS DIFERENÇAS  
NA PRODUÇÃO DO  
ESPAÇO URBANO

**COORDENADORXS:**  
DR. DR. GUILHERME R. PASSAMANI (UFMS)  
DR. DR. RAMON PEREIRA DOS REIS (UEPA)

**PRAZO FINAL  
DE SUBMISSÃO:  
30 DE NOVEMBRO  
DE 2026**

# 34

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal de Mato Grosso